

## **PÃO E CIRCO** **Bernadete Zagonel**

*(Publicado no Jornal Gazeta do Povo, Paraná, em 25 de maio de 2001)*

Gostaria de relatar o que vi no Teatro Guaíra neste Domingo, dia 20, às 10h30 da manhã. Pouco antes de iniciar o espetáculo, as duas filas para comprar ingressos chegava até a Rua XV e, imaginem, antes que todos esses pudessem comprar o seu, os quase 3000 ingressos disponíveis já haviam sido vendidos. E essas pessoas ficaram “a ver navios”. Tiveram que ir embora, sem ver o que queriam. Mas, fiquem tranquilos, o concerto será repetido no próximo Domingo. Lá estavam presentes, não só a Diretora do Teatro, como também a Sra. Secretária de Cultura e o Governador do Estado, Sr. Jaime Lerner, que, sensibilizados com o sucesso e a beleza do evento, já providenciaram a sua reapresentação. Que bom!

Aí a gente pode se perguntar: era um show de alguma figura de sucesso presente na mídia? Não, não era. Tratava-se de um Concerto da Orquestra Sinfônica do Paraná, um concerto, diga-se de passagem, bastante divulgado. E o resultado, como vimos, foi de uma presença maciça do público, para ver e ouvir um espetáculo de qualidade musical. Aliás, Maestro Jamil Maluf, parabéns, nossa orquestra está tocando!

Isso prova que aquela tese defendida por muitos de que o povo gosta de qualquer coisa, de “porcarias”, não é verdade. Ou seja, quando lhe damos música de boa qualidade, e lhe proporcionamos os meios de acesso, a procura é grande. O que é preciso, então, é aumentar o número de oferta de espetáculos como esse. Nós só conseguiremos formar um bom público crítico, se lhe oferecermos constantemente bons espetáculos. Assim, o gosto estético vai se desenvolvendo, e a exigência aumentando. Uma boa divulgação, evidentemente, ajuda a chamar as pessoas. Tenho constatado que, em muitos casos, há pouco público em apresentações de boa qualidade porque as pessoas em geral não ficam nem sabendo do evento.

Mas o que é preciso mesmo, é que haja maior incentivo aos músicos e artistas em geral que queiram fazer um bom trabalho. E esse apoio, hoje, tem que vir dos governos. Houve um tempo, na história de nossa civilização, em que os grandes incentivos à música vinham da Igreja. Ela mantinha os compositores e divulgava suas músicas durante os ritos religiosos. Depois, esse mecenato passou para as cortes. Reis e rainhas contratavam artistas para trabalhar em sua corte. Veja-se casos famosos como o de Michelangelo ou de Mozart. Em seguida, os mecenas vinham da classe burguesa poderosa, pessoas abastadas que subvencionavam os artistas e promoviam eventos culturais em suas casas. Eram famosos os saraus parisienses freqüentados por músicos como Chopin e Liszt.

E hoje, de quem devemos esperar o apoio para as artes? Do governo. No mundo todo, grandes orquestras, laboratórios experimentais, são subvencionados pelos governos. Em alguns casos, como nos Estados Unidos, a empresa privada colabora com incentivos à cultura. Em uma cidade como Houston, no Texas, por exemplo, magnatas do petróleo chegam a construir grandes teatros por conta própria. Mas lá, as empresas encontram incentivos fiscais que estimulam suas ações. Aqui, não temos esses artifícios, e nem possuímos uma cultura de mecenato vindo da empresa privada. Então, a tarefa recai mesmo, sobre os governantes.

Voltando então para o nosso caso, aqui em Curitiba. Há bem pouco tempo, os músicos da Orquestra Sinfônica reivindicavam melhores salários, e com toda razão. O que

costuma acontecer em nossas orquestras (e agora falo do Brasil como um todo) é que o músico não consegue sobreviver com o que ganha, sendo obrigado a dar aulas particulares ou em escolas. Resultado: fica sem tempo para estudar. E o músico que não estuda, durante horas por dia, não progride, não melhora, e o reflexo disso aparece na qualidade da orquestra, por melhor que seja o seu maestro.

O caso das Orquestras da Universidade Federal do Paraná não tem se mostrado melhor, ao contrário. Há anos que essas orquestras, tanto a Sinfônica como a Juvenil, não funcionam como deveriam. Não se tem investido na contratação de bons regentes, e nem os músicos que participam delas têm levado a sério sua atuação. Resultado: temos uma orquestra inexpressiva e sem qualidade. Mas como as esperanças nunca morrem, estamos iniciando agora um processo de mudanças com vistas a melhorias das Orquestras da UFPR. No entanto não falarei disso neste artigo, acho que esse assunto merece um espaço maior. Posso apenas garantir, por enquanto, que boas novas vêm vindo por aí.

Em todos esses casos cabe aos dirigentes tomar atitudes, aumentando os investimentos nessa área. Esta, evidentemente, é uma decisão política. A cultura não é supérflua, ela faz parte da educação do povo, e colabora para que se tenha uma melhor qualidade de vida. Por que, por exemplo, não fazer espetáculos para alunos das escolas da rede pública, trazendo-os para dentro do teatro, e ensinando-os a se portar, mostrando-lhes o sabor do prazer estético? Estaríamos assim formando uma boa platéia, familiarizando as crianças e adolescentes com outro tipo de repertório, diferente do que estão acostumados a ouvir nas rádios e televisões. Como se pode apreciar e gostar de algo que não se conhece?

Tivemos há pouco um bom exemplo disso: no dia 1º de maio deste ano, o Teatro Municipal de São Paulo foi aberto ao trabalhador, com um espetáculo de música erudita. E quem assistiu às reportagens na TV, pode constatar o prazer e a alegria do povo ali presente. Esse tipo de atitude deveria ser uma constante, um empreendimento diário, comum.

Temos que apelar para as Secretarias de Cultura, municipais e estaduais, às Instituições Educacionais, que reforcem seu trabalho para a proliferação da cultura e da qualidade artística entre os cidadãos. Tenho certeza que não é só de pão e circo que vive o homem: é, seguramente, de boa alimentação e de espetáculos de qualidade. Podem apostar nisso!

**Bernadete Zagonel: professora titular da UFPR. Doutora em Música pela Sorbonne, Paris.**